

Folha de S. Paulo

8/11/1999

Migrante não sabe se volta

free-lance para a Folha Ribeirão

Saudades da família e a falta de emprego em outros setores são os motivos apontados pelos bóias-frias para deixarem a região de Ribeirão Preto ao final de cada safra na lavoura. Todos não sabem se voltam no ano que vem.

O bóia-fria Gilmar Ferreira Lima, que desde 1993 vem de Teresina (PI) para Serrana, afirmou que, além da redução de emprego, a família faz falta. "Neste ano eu trouxe todos, mas precisei mandar embora por não ter dinheiro para mantê-los", disse.

A mecanização é o principal problema apontado por Lima para o desemprego. "Se pudesse, acabava com isso", afirmou.

Lima disse que metade do salário de R\$ 400 é enviado todo mês para a família. O bóia-fria mora em uma casa de três cômodos com outros seis migrantes. O preço do aluguel é R\$ 150.

Ele embarcou para o Piauí sexta-feira, em um ônibus fretado por bóias-frias de Serrana. A viagem de 48 horas custou R\$ 4.000 aos trabalhadores rurais.

"O número de colegas diminui a cada ano. Nem eu sei se voltarei ano que vem", afirmou o bóia-fria Ademílson Santos, 32, migrante do Paraná, que voltará amanhã para Maringá.

A comerciante Luzia Dias, que tem um bar há 30 anos na cidade, afirmou que o número de bóias-frias é reduzido todo ano. "Eles mal ganham para voltar."

O baiano Romílson Silva, 25, disse que o salário é pequeno, mas compensador.

(Folha Ribeirão — Página 1)